

O POETA SEM LIVRO E A *PIETÀ* INDÍGENA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
ALVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial
Presidente
EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA
GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Wilton José Marques

O POETA SEM LIVRO
E A *PIETÀ* INDÍGENA

EDITORAL UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

M348p Marques, Wilton José.
O poeta sem livro e a *pietà* indígena. / Wilton José Marques. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

1. Marques, Wilton José – Crítica e interpretação. 2. Silva, Firmino Rodrigues, 1815-1879 – Crítica e interpretação. 3. Poesia brasileira – História e crítica. 4. Romantismo – Brasil – História e crítica. 5. Indianismo (Literatura). I. Título.

CDD - B869.1509
- 809.9145
- 809.0981411

ISBN 978-85-268-1291-8

Índices para catálogo sistemático:

1. Marques, Wilton José – Crítica e interpretação	B869.1509
2. Silva, Firmino Rodrigues, 1815-1879 – Crítica e interpretação	B869.1509
3. Poesia brasileira – História e crítica	B869.1509
4. Romantismo – Brasil – História e crítica	809.9145
5. Indianismo (Literatura)	809.0981411

Copyright © by Wilton José Marques
Copyright © 2015 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

*para Luiza,
sempre*

A eficácia humana é função da eficácia estética, e portanto o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes.

Isso não quer dizer que só serve a obra perfeita. A obra de menor qualidade também atua, e em geral um movimento literário é constituído por textos de qualidade alta e textos de qualidade modesta, formando no conjunto uma massa de significados que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos.

Antonio Candido,
O direito à literatura

SUMÁRIO

UMA EXPLICAÇÃO; OU NEM TANTO?!	11
I. O POETA SEM LIVRO E A <i>PIETÀ</i> INDÍGENA	15
1. O CÂNONE ROMÂNTICO, O INDIANISMO	
E O POETA SEM LIVRO	17
O cânone romântico	18
O indianismo.....	24
O poeta sem livro.....	36
2. O JORNALISTA, O FIO DA MEADA E OS	
OUTROS POEMAS	39
O jornalista e o favor.....	39
A morte do “Mestrinho”	48
O fio da meada e os outros poemas.....	51
3. O POEMA, A CRÍTICA E A PERGUNTA	85
O método.....	85

...e a crítica	86
A pergunta.....	114
4. A <i>PIETÀ</i> INDÍGENA E O OUTRO DESEJO	119
O poema.....	119
...e o parêntese.....	120
A <i>pietà</i> indígena e os três momentos.....	128
O outro desejo.....	143
II. ANTOLOGIA.....	147
AO RETRATO DO DOUTOR FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO, TIRADO PELO SNR... FERREIRA, ESTUDANTE DO 5º ANO JURÍDICO EM SÃO PAULO – NÊNIA.....	149
ELEGIA – À SEMPRE SAUDOSA MEMÓRIA DO DR. FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO	153
FANTASIA POÉTICA.....	159
A SAUDADE	165
DOIS LÍRIOS.....	167
MANÉ-SAPO, UMA COBRA E UM CISNE	171
A MEU AMIGO F. B. RIBEIRO: ODE ÀS LÁGRIMAS	175
A INCONSTÂNCIA.....	179
NÊNIA À MORTE DO MEU BOM AMIGO O DR. FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO	183
À COROAÇÃO E SAGRAÇÃO DE SUA MAJESTADE IMPERIAL O MUITO ALTO E PODEROSO SENHOR D. PEDRO II.....	191
AO SR. JOSÉ MARIA DO AMARAL, POR OCASIÃO DE PARTIR PARA FRANÇA EM 1835, A FIM DE ALI CONTINUAR SEUS ESTUDOS	197
III. BIBLIOGRAFIA GERAL.....	201

UMA EXPLICAÇÃO; OU NEM TANTO?!

Há tempos, venho navegando pelas águas, nem sempre calmas, da literatura oitocentista brasileira, e, por teimosia intelectual, trabalhando com algumas obras que, por razões diversas, ficaram à margem da historiografia literária. E isso, ao contrário do que à primeira vista se supõe, não significa obviamente que não tenham importância histórico-literária. Talvez pelo simples desconhecimento ou pelo excesso de modismos teóricos, tais obras, pouco contempladas pelos estudos acadêmicos, sempre têm algo novo a dizer sobre o passado, e retirá-las do esquecimento é, na verdade, a forma de tentar preencher alguns dos muitos vazios e silêncios da história literária brasileira. Às vezes, entender o passado, na contramão do estabelecido, é um gesto necessário. Nesse sentido, o principal intuito do presente livro é o de discutir e historiar a importância do poema “Nênia à morte do meu bom amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro”, de Firmino Rodrigues Silva, e sua surpreendente contribuição para o delineamento da temática indianista no universo romântico brasileiro.

Se, hoje, a referência a esse poema de Firmino, quando muito, aparece como simples nota de rodapé do Romantismo local, ou mesmo se a própria notícia de sua existência é conhecida por alguns poucos estudiosos da literatura, ao longo do século XIX a história foi diferente. Desde o seu aparecimento num periódico político-partidário – o jornal *O Brasil* –, em 16 de março de 1841, e, portanto, cinco anos antes de Gonçalves Dias e seus *Primeiros cantos* (1846) e, mais notadamente, sua “poesia americana”, o poema de Firmino foi recorrentemente lido por autores e críticos como referencial importante para a definição do indianismo romântico. Inclusive, várias vezes conhecidas da história literária brasileira se pronunciaram a seu respeito e algumas até se prontificaram a defendê-lo em sua primazia temática, como, por exemplo, as de Joaquim Norberto, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Manuel Antonio de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Sílvio Romero. Diante de tais opiniões críticas, algumas silenciadas em jornais antigos, a tarefa que se impõe aqui é a de, no mínimo, voltar ao poema, não apenas para rediscutir sua importância histórico-literária no Romantismo brasileiro, mas também para, ao menos, retirá-lo da incômoda categoria de texto às vezes citado e nunca lido.



Além propriamente do estudo sobre a Nênia, também se fez aqui uma pequena antologia, reproduzindo os 11 poemas publicados e atribuídos a Firmino Rodrigues Silva. Nesse sentido, convém deixar claro que, como o trabalho de pesquisa basicamente recorreu a fontes do século XIX, tanto os eventuais textos de jornais e livros quanto os poemas de Firmino Rodrigues Silva, que compõem a antologia, foram

atualizados ortograficamente, segundo as normas atuais do padrão culto da língua portuguesa. Entretanto, quanto aos demais aspectos expressivos, procurou-se preservá-los tais quais estão nas diversas publicações, sobretudo os que se referem à pontuação, ainda que, em alguns momentos pontuais, signifique menosprezar as regras atuais. Quanto ao trabalho de fixação dos textos da antologia, a premissa norteadora foi única e exclusivamente cronológica. Dessa forma, os poemas foram reproduzidos tais quais apareceram publicados pela primeira vez, não se levando em conta, quando de publicações posteriores, a existência de eventuais variantes.

*I. O poeta sem livro
e a pietà indígena*

O CÂNONE ROMÂNTICO, O INDIANISMO E O POETA SEM LIVRO

Com efeito, a literatura foi considerada parcela dum esforço mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação. Manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso.

Antonio Candido,
Formação da literatura brasileira

Convinha [...] que nos descrevesse os seus costumes [indígenas], que nos instruisse nos seus usos e na sua religião, que nos reconstruísse todo esse mundo perdido, que nos iniciasse nos mistérios do passado como caminho do futuro, para que saibamos donde viemos e para onde vamos, convinha enfim que o poeta se lembrasse de tudo isso, porque tudo isso é poesia; a poesia é a vida do povo, como a política é o seu organismo.

Gonçalves Dias,
Reflexões sobre os anais históricos do Maranhão

Niterói, Niterói, que é do sorriso
Donoso da ventura que teus lábios
Outrora enfeitiçava?

Firmino Rodrigues Silva,
“Nênia à morte do meu bom amigo
o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro”

O cânone romântico

Em qualquer sociedade culturalmente letrada, a gestação da tradição literária e, por consequência, a própria escolha das obras que devam ou não figurar nos respectivos cânones literários são resultantes de longos e lentos processos históricos, marcados pela natural pluralidade de juízos de valor. Tais definições, além de passarem pela inevitável prova de fogo do necessário reconhecimento de valores culturais em comum ajustados às especificidades da consciência coletiva local, passam tanto pela necessidade cotidiana de fixação e/ou revisão de leituras, estabelecidas a partir de olhares críticos dos mais diversos matizes, inclusive ideológicos, e relacionando-se, dessa forma, com a própria manutenção e reprodução do poder social¹, quanto pela eventual força de ressonância pública que, porventura, determinada obra possa, individualmente, vir a estabelecer com a sociedade em que está inserida, seja no seu presente tempo histórico, seja num incerto tempo futuro. Afinal de contas, não custa lembrar que as diversas literaturas ocidentais não são formadas apenas e tão somente por obras de alta qualidade estética, a obra de menor qualidade – como já observou Antonio Candido – também atua na consolidação de um movimento literário², notadamente, acrescente-se aqui, em nações periféricas, onde a literatura, mais sensível aos influxos externos, necessita de mais tempo para a devida maturação. Aliás, nesse sentido, Machado de Assis, em famoso ensaio, já havia chamado a atenção dos literatos brasileiros para o fato de que a desejada “independência literária”,

¹ Eagleton, 1983, pp. 1-17.

² Candido, 2004, p. 182.

tão acalentada pelos românticos, não teria “Sete de Setembro nem campo do Ipiranga”, já que, para o autor carioca, tal independência “não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo”³. De todo modo, convém não perder de vista que cabia aos críticos românticos a tarefa de não apenas indicar para o cânone as obras mais representativas ou de melhor fatura estética, mas também de mostrar que outras obras, tidas eventualmente como menores, podiam ter – e de fato muitas tiveram – uma efetiva importância no processo de configuração da literatura local nos mais diversos países.

Como toda atividade intelectual, e, nesse sentido, sujeita obviamente a acertos e a erros, a valoração estético-social das obras literárias que deviam ou não pertencer aos mais diversos cânones foi sendo sistematicamente construída pela crítica literária e sua nova orientação de perspectiva historiográfica, notadamente ao longo do século XIX. De maneira geral, para ficar no exemplo emblemático da crítica literária francesa, que teve repercussões fundantes na crítica brasileira, houve um deliberado e crescente abandono da velha retórica e, por tabela, do recorrente olhar verificatório que se preocupava em aferir nas obras literárias o maior ou o menor grau de afastamento das regras prescritas, e tidas como intemporais, da poética clássica, para, em seu lugar, criar uma visada analítica de nítido viés histórico, dedicada a mostrar como a literatura era, antes de tudo, “a expressão da sociedade”⁴. Nessa direção, muito contribuiu para a brusca mudança da

³ Assis, 1994, p. 801.

⁴ Plinval, 1982, p. 189.

perspectiva crítica, ao lado obviamente da afirmação e consequente disseminação do pensamento romântico, a também novidade do nacionalismo, o que, por sua vez, reforçava ainda mais o comprometimento político do artista com a própria sociedade. Na explicação de Hobsbawm:

O elo entre os assuntos públicos e as artes é particularmente forte nos países onde a consciência nacional e os movimentos de libertação ou unificação nacional estavam se desenvolvendo. [Assim], é bastante natural que [o] nacionalismo encontrasse sua expressão mais óbvia na literatura e na música, ambas artes públicas, que podiam, além disso, contar com a poderosa herança criadora do povo comum – a linguagem e as canções folclóricas⁵.

Em outras palavras, como os escritores eram guiados de perto tanto pelo espírito romântico quanto pelo atuante discurso nacionalista, a configuração do cânone, importada do modelo teológico para a literatura, transformava-os em verdadeiros heróis nacionais. Assim, não somente a crítica francesa, mas também a crítica literária dos demais países ocidentais, como forma de definição da literatura em âmbito local, preocupou-se em dar contornos próprios aos seus respectivos cânones. Já que, nessa mesma perspectiva e ancorada no novo conceito interpretativo de história⁶, a própria urgência do momento também levou grande parte dos autores românti-

⁵ Hobsbawm, 2011, p. 404.

⁶ No Romantismo, segundo o crítico J. Guinsburg (1985), opera-se uma mudança do conceito de história, há um abandono do pensamento então predominante que considerava a história apenas como um produto das “vidas ilustres”, para em seu lugar impor-se uma concepção que sobrevaloriza a relevância da consciência histórica. Ou seja, “o discurso histórico sofre mudança revolucionária. Deixa de ser meramente descritivo e repetitivo, para se tornar basicamente tanto interpretativo quanto formativo, genético. É a história que produz a civilização. Mas não a História, e sim as histórias” (p. 14).